

Opinião



LEONEL COSME

MEMÓRIAS DE LUANDA

Recordando Linda Graça

Ao abrir os “Papéis da Prisão” de Luandino, leio na primeira página

In memoriam

Linda

(1941-2007)

E SINTO COMO que um aperto no coração quando logo raciocino que aquelas datas são marcos da vida de quem se poderá talvez dizer, como no velho provérbio, que atrás de um grande homem está uma grande mulher.

Não avancei na leitura do livro das memórias de Luandino na prisão porque as minhas, também antigas, de imediato se me afluaram à mente, logo associadas às figuras de outras Mulheres (com maiúscula), curiosamente, como Linda, também oriundas de Portugal, que pela vida e obra (sem armas na mão) são inseparáveis das lutas pela independência de Angola. Logo me ocorrem três nomes: Maria Eugénia Neto, Ruth Lara e Conceição Boavida.

Conheci Linda (de seu nome completo Ermelinda da Conceição Oliveira Cunha) em duas situações: a primeira, pela correspondência com a editora Imbondeiro, logo em 1961-1962, em nome de seu marido, Luandino, já preso, em Luanda, pela PIDE/DGS, tratando da publicação dos contos que saíram, em 1961, em dois cadernos (14 e 23) da Coleção Imbondeiro, e em 1962, na antologia *Novos Contos d'África: 1ª Canção do Mar, Duas Histórias de Pequenos Burgueses e Os Miúdos do Capitão Bento Abano*.

São as primícias de um jovem escritor que começaria a consolidar a sua obra com a publicação, em 1963, de três contos inéditos incluídos num pequeno livro de 100 páginas, impresso nas oficinas “ABC”, intitulado *LUJANDA* e que receberia, em 1964, o Prémio Mota Veiga, num concurso promovido pela Associação dos Naturais de Angola (ANANGOLA), cuja limitação do regulamento não permitia, porém, a inclusão de outros contos inéditos. Mesmo assim, como escrevia, na contracapa, um notável jornalista e crítico literário, Alfredo Bobela Mota:

(...) Luandino Vieira abre, realmente, os mais prometedores caminhos à Literatura Angolana, com o pórtico de uma verdadeira obra-prima, que lhe concede lugar cimeiro entre os escritores da sua geração

Noutro passo da recensão, Bobela fala no conseguimento da “transposição de um novo degrau”. Mas a melhor explicitação vem do próprio escritor, como se “anuncia” na in-



trodução às *Duas Histórias de Pequenos Burgueses*:

Resumo neste caderno dois contos sob o título genérico de “*Duas Histórias de Pequenos Burgueses*”. Embora escritos aos 19 anos de idade e ressentindo-se, por isso, das deficiências impostas pela falta de experiência e maturidade no trabalho literário, não quis deixar passar esta oportunidade de os publicar. Eles representam para mim a expressão dum momento que atravesssei e atravessaram os adolescentes da minha geração – melhor, da minha idade – perdidos nos quadros duma classe social cujas perspectivas já pressentiam ou sentiam ultrapassadas.

Por razões alheias a esses próprios adolescentes, a maioria não venceu essa barreira. Encontro-os todos os dias tentando furar, vencer na vida, passar para cima, despersonalizando-se, apersonalizando-se, vendendo-se. Porém, os poucos que o conseguiram e que hoje, de coração aberto, vão no surto progressivo da comparticipação no erguer do futuro da nossa terra, obrigam-me a publicar estes contos que procuram reflectir os maus tempos e caminhos que trilhámos.

O pequeno-burguês será, em breve, um animal pré-histórico.

Mas Luandino não estava sozinho na prossecução da sua caminhada. Já casado com Linda em 1960 e com um filho, Xexe (Alexandre), no ano seguinte, é bem significativa a de-

dicatória de *LUJANDA*:

**PARA LINDA
AMIGA DE LUJANDA
E MINHA AMIGA.**

Luandino já se encontra no Tarrafal quando Linda envia à Imbondeiro um conto inédito que deveria preencher o caderno de Janeiro de 1965. Ainda estava a ser impresso, em Dezembro, na Gráfica da Huíla, quando a PIDE/DGS invade a tipografia, apreende a composição e de seguida assenhoreando-se de toda a documentação à vista, compreendendo correspondência e originais em apreciação.

A notícia da atribuição do Prémio Mota Veiga por um júri com “comunistas” da Sociedade Cultural de An-

Luandino Vieira abre, realmente, os mais prometedores caminhos à Literatura Angolana, com o pórtico de uma verdadeira obra-prima

gola, contemplando um “inimigo” já marcado desde o “processo dos 50” em 1959, haveria de ditar um resultado que chegou à Metrópole, onde a Sociedade Portuguesa de Escritores confirmou o valor de *LUJANDA* atribuindo-lhe o Grande Prémio de Novelística: aquelas duas Sociedades foram dissolvidas, alguns dos seus membros presos e a Imbondeiro impedida de prosseguir o seu projecto de divulgação dos escritores de língua portuguesa.

O termo da relação de correspondência com Linda Graça também fora automático, mas não sem ficar satisfeito um seu pedido: os direitos de autor de Luandino reverteriam para a família de Agostinho Mendes de Carvalho – companheiro de Luandino nas prisões de Luanda e do Tarrafal – forçada a viver pobremente na então cidade de Sá da Bandeira. De tudo Luandino ficaria a saber quando, em Julho de 1965, Linda lhe faz a primeira visita no Tarrafal. E na segunda, em 1969, já acompanhada pelo Xexe, dos ecos do apreço e solidariedade entretanto produzidos em vários países. Mas obviamente, também, das pressões policiais que eram exercidas sobre ela pelo seu relacionamento com um “perigoso inimigo de Portugal” – o que, todavia, e supostamente, não terá posto em causa a sua carreira profissional de funcionária superior de um Banco angolano.

Foi em função das relações da empresa em que eu trabalhava com

esse Banco, durante a minha estada em Luanda, na primeira década de 1980, que me encontrei pessoalmente com Linda. Como seria de esperar, foi um encontro profissional fortuito, mas pontuado pela nossa comum simpatia que vinha de cerca de vinte anos atrás.

Essa simpatia voltaria a manifestar-se pouco depois com a sua presença num colóquio promovido pela Brigada Jovem de Literatura, em que eu e o conhecido escritor e causídico Eugénio Ferreira falámos sobre a obra da Imbondeiro nos seus quatro anos de existência. Eu, repeti o que a editora dissera de si própria, lembrando o que Manuel Ferreira escrevera em 1977, no seu livro “*Literaturas africanas de expressão portuguesa*”:

Papel importante nesta época, que veio associar-se ao desempenho pela Casa dos Estudantes do Império, embora de menor relevância, foi o das Publicações Imbondeiro (1960-1965), que teve como atuados responsáveis Garibaldi de Andrade e Leonel Cosme, com sede em Sá da Bandeira. Pela Imbondeiro foram revelados ou desenterrados (autores) dos jornais e revistas já citados, como que Mensagem, Cultura e outras, quer através dos cadernos mensais, quer através das antologias (...)

Por sua vez, Eugénio Ferreira adiantou o que iria escrever, pouco depois, no seu livro de ensaios “*Espiral Literária*” (1989): Centrados em quatro frentes, a Associação dos Naturais e a Sociedade Cultural de Angola, em Luanda, Edições Imbondeiro, no Lubango, e a Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa e em Coimbra, a juventude angolana cumpriu corajosamente o seu dever cívico e histórico.

Registo ainda que entre a considerável assistência de jovens interessados, de que destaque um promissor escritor e agente cultural, meu conhecido, Carlos Ferreira, rejeito, com gosto e surpresa, pela última vez, Linda Graça e Gabriela Antunes, cujos cumprimentos nunca poderei esquecer. Muitos anos depois, li nos jornais de Portugal que Linda faleceu, em Lisboa, quando procurava, in extremis, tratamento para a doença implacável que a vitimou.